

A HORA DO OVO

a revista da produção de ovos

EDICÃO EXTRA

A AVICULTURA SOB RODAS

A greve dos caminhoneiros e os 10 dias que abalaram a avicultura brasileira

O namoro com o abismo

ELENITA MONTEIRO

Editora da Revista A Hora do Ovo



Sejamos honestos: vivemos alguns dos piores dias do agronegócio brasileiro de 21 a 31 de maio de 2018. Em especial, a avicultura, que é o nosso negócio por excelência.

Com a greve dos caminhoneiros decretada no dia 21 de maio, muitos aplaudiram. Alguns, da primeira fila, eram – que ironia – do agronegócio. Há notícia em grandes jornais que dois ou três ruralistas teriam apoiado a greve até seu final, financiando de alguma forma o movimento. Movimento legítimo, sem dúvida. Porém, altamente danoso por sua intransigência diante da negativa de deixar escoar a produção deste nosso país essencialmente agropecuário.

Cargas inteiras de legumes, verduras, leite, ovos, frangos apodreceram no meio do caminho dessa greve que, ao final, levou a conquistas questionáveis para quem reclamava. Já para o país levou a um prejuízo que pode chegar a R\$100 bilhões, de acordo com o Instituto Brasileiro de Economia/FGV. Só para a avicultura e suinocultura a conta ficou em R\$3,150 bilhões, segundo levantamento da ABPA, a Associação Brasileira de Proteína Animal.

As previsões é que teremos o PIB com retração de 0,3%, um gigan-

tesco gargalo de produção a superar, algum desemprego, muito prejuízo para todos os lados, talvez até insuperável para os menores, os pequenos produtores que dependem do plantel de hoje para sobreviver amanhã.

Valeu a pena? Só se for para nos ter feito pensar. Pensar – como povo – o quanto transferimos responsabilidades. A respeito da greve, ouvi e li muito a expressão indignada de apoio: “Alguém precisava mesmo fazer alguma coisa!”. Se eram os caminhoneiros que estavam fazendo o serviço de protestar e parar o país para impor sua insatisfação com o governo e os políticos, que bom! “Alguém” estava fazendo “alguma” coisa!

Eu, que acredito que “as coisas” têm que ser feitas por nós todos - e nas urnas - me inquietei já na primeira hora. Sei bem que o país funciona sobre rodas e não demoraríamos a ter problemas se os caminhões e carretas que transportam a produção deste país imenso não rodassem.

Vimos outras greves de caminhoneiros, não foi? Coisas de dois ou três dias, e nunca maciçamente... A mim me parecia que a temperatura estava alta demais para tudo ficar como antes... Bastava entrar no facebook – uma mídia que uso muito para meu trabalho – para sentir que o país estava em febre. Quando vi que mesmo produtores rurais, vendedores da produção rural, donos de postos de combustível (!) apoiavam a greve, comecei a sentir o cheiro de Deus nos acuda!

*E é por isso que preparamos em tempo recorde esta edição especial digital da **A Hora do Ovo**, com 48 páginas, ouvindo todas as entidades representativas da avicultura que se dispuseram a nos responder. Nem todas responderam, mas A Hora do Ovo entrou em contato.*

Nós acreditamos, senhores, que o momento é de provocar a discussão, e não de fazer de conta que tudo “já passou”. Não só não passou porque haveremos de conviver com os prejuízos por muito tempo, como também

porque o risco de uma nova paralisação das estradas não está descartado. Aliás, agora, sabemos até quantos dias resistimos aos bloqueios do escoamento da produção: não mais que 13 dias, certamente. Chegamos perto, muito perto do caos de ver plantéis morrendo em massa por todo o país, sem ter onde enterrar tantos frangos, poedeiras e pintinhos mortos por inanição. Nem um plano de contingência para isso temos!

“Ah – dirão alguns – a crise veio para equilibrar o mercado; agora o preço do ovo e do frango estão em alta”. Sim, sobrevivemos para ver a alta dos preços e tentar compensar as perdas, mas foi por um triz que não se perdeu tudo. Mais um pouco e não haveria o que vender.

Volto a apelar para que sejamos honestos: o abismo mirou em nossos olhos e sorriu, não foi?

Eu, que não tenho sequer uma ave de produção, vi o brilho daquele olhar que o abismo nos lançou e me arrepiei de medo. Como jornalista dedicada à avicultura de postura há mais de 20 anos, sei bem o desastre que seria para todos nós se a greve persistisse por mais dois, três, quatro, cinco dias. No 16º dia, sobraria algum empresário em pé? Algum emprego nas granjas? Nas pequenas e médias, dificilmente. Mesmo as maiores teriam deixado de cumprir contratos importantes, deixado de fazer exportações, teriam sua empresa seriamente abalada.

Namorar com o abismo não faz bem a ninguém. Melhor é ter aliados contra ele para resistir. No setor de produção agropecuária, são as entidades que podem fazer o anteparo para evitar as quedas. Associações, sindicatos, cooperativas existem para isso e não foi por

outro motivo que foram montadas por produtores pioneiros no século passado: para proteger o setor dos muitos males que acometem a agropecuária, como o descaso do governo, as leis injustas, as desinformações do consumidor, o excesso de tributos, a falta de crédito, as más decisões políticas e tributárias que prejudicam a produção.

Num momento do país em que estamos tão radicais – a ponto de grande parte da população querer que a greve dos caminhoneiros derrubasse o governo –, precisamos mais do que nunca da sociedade organizada. Se não acreditamos mais nos políticos que elegemos, nem por isso devemos deixar de acreditar que nós possamos nos organizar politicamente! Que seja em sua associação de produtores, do sindicato de sua categoria, em cooperativas, mas que não deixemos de nos organizar, questionar e atuar por nossos interesses. O caos só interessa ao abismo faminto de desgraça.

Quando, na noite de 29 de maio, ouvi a voz da avicultura soar em pleno Jornal Nacional – através da palavra firme de Ricardo Santin, o presidente de ABPA – vi um setor forte se manifestando, ainda que em tom desesperado. Mas é esse o papel de uma representante: fazer soar a voz de quem lidera. E estávamos todos desesperados.

É preciso que esse papel de porta-voz do setor se faça em todas as associações, cooperativas e sindicatos de produtores. Só na via política conseguiremos nos fortalecer.

Os que se acreditam tão grandes que de nada mais precisam a não ser vender seu produto, podem estar caminhando com olhos voltados para o passado. E tropeçar. Sempre pode haver bloqueios pelo caminho e um abismo ao lado.



OS 10 DIAS QUE A AVICULTURA


Completamente paralisado, o setor de aves e ovos tornou-se refém do movimento grevista dos caminhoneiros. Entre 21 e 30 de maio, uma perda

QUE ABALARAM A BRASILEIRA

*gigantesca ficou como herança de dívida a ser paga por todos.
O impacto total foi de R\$ 3,150 bilhões ao setor produtor e
exportador de aves, suínos, ovos e material genético.*

Greve dos caminhoneiros parou o país

Montagem: Fotos EBC + A Hora do Ovo



O que parecia ser o maior movimento de uma categoria no Brasil, em três ou quatro dias tornou-se um pesadelo para a cadeia avícola brasileira. Pondo em prática aquele antigo argumento de que, se quisessem, os caminhoneiros parariam o Brasil, eles de fato o fizeram, mas, da mesma forma que ganharam o país com a pauta dos menores preços para combustíveis também meteram os pés pelas mãos e bagunçaram toda a engrenagem dos setores de produção do país, especialmente a avicultura.

Totalmente nas mãos da paralisação dos caminhoneiros, os produtores de ovos e aves não tinham mais como receber insumos para a fabricação da ração e tão pouco tinham como escoar a produção de ovos e aves, retidas sem alimento nos aviários de todos os núcleos de produção do país. Unidos na paralisia, dependentes dos transportadores rodoviários - como de resto é todo este país - os avicultores tornaram-se reféns dos caminhoneiros durante 10 dias do inesquecível mês de maio de 2018.

... e atingiu em cheio a avicultura



“O agronegócio acabou sendo o mais afetado porque sofreu quebra da cadeia produtiva. Entre os impactos do bloqueio das estradas, 100 milhões de aves foram mortas, 120 mil toneladas de carne de frango e suína deixaram de ser exportadas, 300 milhões de litros de leite acabaram descartados e 98% das plantas de produção de carne do país tiveram as atividades interrompidas. Ato contínuo, o agronegócio foi abatido em algo próximo a R\$14 bilhões.” - **Bertha Maakaroun/Estado de Minas.**



Tudo parado

A decretação do movimento foi dada no dia 21 de maio, primeiro sob os olhares indiferentes do Governo Federal e o apoio de uma grande parcela de entidades agropecuárias e produtores.

Reivindicações foram feitas, pedidos foram sendo atendidos e, a cada nova concessão, nada dos caminhoneiros retornarem ao trabalho. A categoria permanecia parada, cargas inteiras de ovos, suínos e frangos congelados pereciam nos baús estacionados nas rodovias de todo o país.

A ABPA, Associação Brasileira de Proteína Animal, tomou a frente, negociou com as lideranças, sentou com o governo federal, divulgou suas ações, criou um gabinete de crise, fez o que toda entidade séria precisa fazer em situações de crise. No que foi acompanhada das entidades da avicultura nos estados.



Tudo mesmo!

À medida em que se recusavam a colocar seus caminhões em marcha, os caminhoneiros davam um rumo nunca visto à cadeia de proteína animal do Brasil. O relógio da natureza não para e os frangos prosseguiram comendo sua ração - enquanto havia; as aves de postura continuaram botando seus ovos - que se acumularam nos depósitos; os frangos já abatidos e resfriados começaram a passar do ponto em cargas paradas nas estradas e, finalmente, as aves, em todo o país, começaram a morrer, sem ração.

Já era, pelo menos, o quarto ou quinto dia da paralisação. Os avicultores entraram em pânico, pois nada movia os caminhoneiros da paralisação, então sem qualquer propósito, já que o governo já havia atendido às reivindicações. Os apoios deixaram de ser divulgados e o setor agropecuário começou a entender no que se metera.



Reféns do transporte rodoviário

Cem por cento dependente do transporte rodoviário, o setor de aves e ovos ficou literalmente sem saída quando sua única conexão de escoamento com o mercado fechou todas as portas.

Os núcleos de produção de ovos pelo país sentiram a força da dependência do transporte rodoviário, algo que pouco se discute no dia a dia. Os avicultores de Bastos - município paulista que produz quase 25% do ovo consumido no Brasil e 60% no Estado de São Paulo - produzem 20 milhões de ovos diariamente. Em apenas uma granja do município, no quinto dia de paralisação havia quase 1 milhão de ovos à espera do transporte. O futuro das aves também era uma interrogação. O setor, que agrega mais de 60 granjas no município, tinha cerca de 30 milhões de aves dependendo do alimento oriundo de Goiás, Mato Grosso e Paraná. Segundo os produtores, na ocasião, mais de 500 caminhões que atendem a região estavam parados nos bloqueios por todo o país.



Na Serra Capixaba, a angústia dos setores de avicultura e de suinocultura era por uma ação rápida, o que, infelizmente, não foi possível. Para tentar evitar mais prejuízos do que já iam acumulando desde o início da greve, 10 avicultores se uniram a um comboio de caminhões que saiu de Santa Maria de Jetibá, na manhã do dia 28 de maio, para buscar ração em Minas Gerais. Mas, quando chegaram a Brejetuba, ainda no Espírito Santo, o comboio encontrou uma barreira: os grevistas não arredaram pé e o grupo de avicultores precisou voltar. Outro importante núcleo de produção de ovos, Guatapará, no interior de São Paulo, também sofreu com o bloqueio das estradas. O polo produtor que atende um raio de 200 km na região metropolitana de Ribeirão Preto, ficou sem nenhum insumo. Tiago Kazushi Kubo Wakiyama, representante da União de Avicultores de Postura Comercial do município, informou, na ocasião, que no 9º dia de paralisação, o prejuízo estava em torno de 3 milhões de reais, com perdas diárias de 400 mil.

Avicultores de alguns núcleos do país tentaram “furar” o bloqueio dos caminhoneiros, buscando eles próprios os insumos na origem. Alguns tiveram sucesso; outros, deram meia volta, sem êxito.



TODOS PAGAM

por Elenita Monteiro

*Totalmente
paralisado, o setor
de aves e ovos
tornou-se refém
do movimento
grevista dos
caminhoneiros*

Nelio Hand me conta do dia em que teve que ser firme e segurar o choro em meio ao stress dos 10 longos dias da greve dos caminhoneiros, em maio. Ele havia acabado de receber um recado via whatsapp de uma avicultora de Santa Maria de Jetibá com um desabafo: ela e seu marido estavam vendo virar pó - em questão de dias - o trabalho suado de 35 anos do casal. Tudo o que haviam construído juntos para deixar como legado para os filhos poderia morrer em questão de dias – ou talvez horas



RAÇÃO A CONTA

- se não chegasse alimento às poedeiras que começavam a sofrer com a fome. "Elenita, tive que sentar e respirar para não chorar", me confessou o secretário executivo da AVES, a dinâmica Associação dos Avicultores do Espírito Santo. O estado se destaca cada vez mais como produtor de ovos, frangos e suínos. Com a paralisação das entregas de ração para as granjas capixabas, o Espírito Santo viu esse potencial seriamente ameaçado por problemas gigantes gerados pela paralisação das entregas de ração nas propriedades rurais.



Imagem: Whats app

milhões de ovos...

GRANJA TSURU - Bastos



Fotos: /A Hora do Ovo

Num primeiro momento, boa parte do setor rural aplaudiu o movimento dos caminhoneiros. Mas, três dias depois...

Como entidades organizadas e presentes no dia a dia do setor produtivo, a AVES e a ASES (Associação dos Suinocultores do Espírito Santo) – da qual Nélcio Hand também faz parte -, agiram assim que entenderam que - mais que um manifesto contra a alta do diesel - a greve dos caminhoneiros desandava para uma crise sem precedentes no país. De movimento legítimo de uma categoria profissional, pouco a pouco a paralisação nas estradas foi sendo usada por manobras daqueles que acreditam que “quanto pior, melhor”. Assim como os produtores rurais - dependentes do escoamento por estradas e caminhões -, num primeiro momento a maioria da população brasileira aplaudiu a paradeira nas rodovias. Bastaram três dias para todos



...sem ter para onde ir



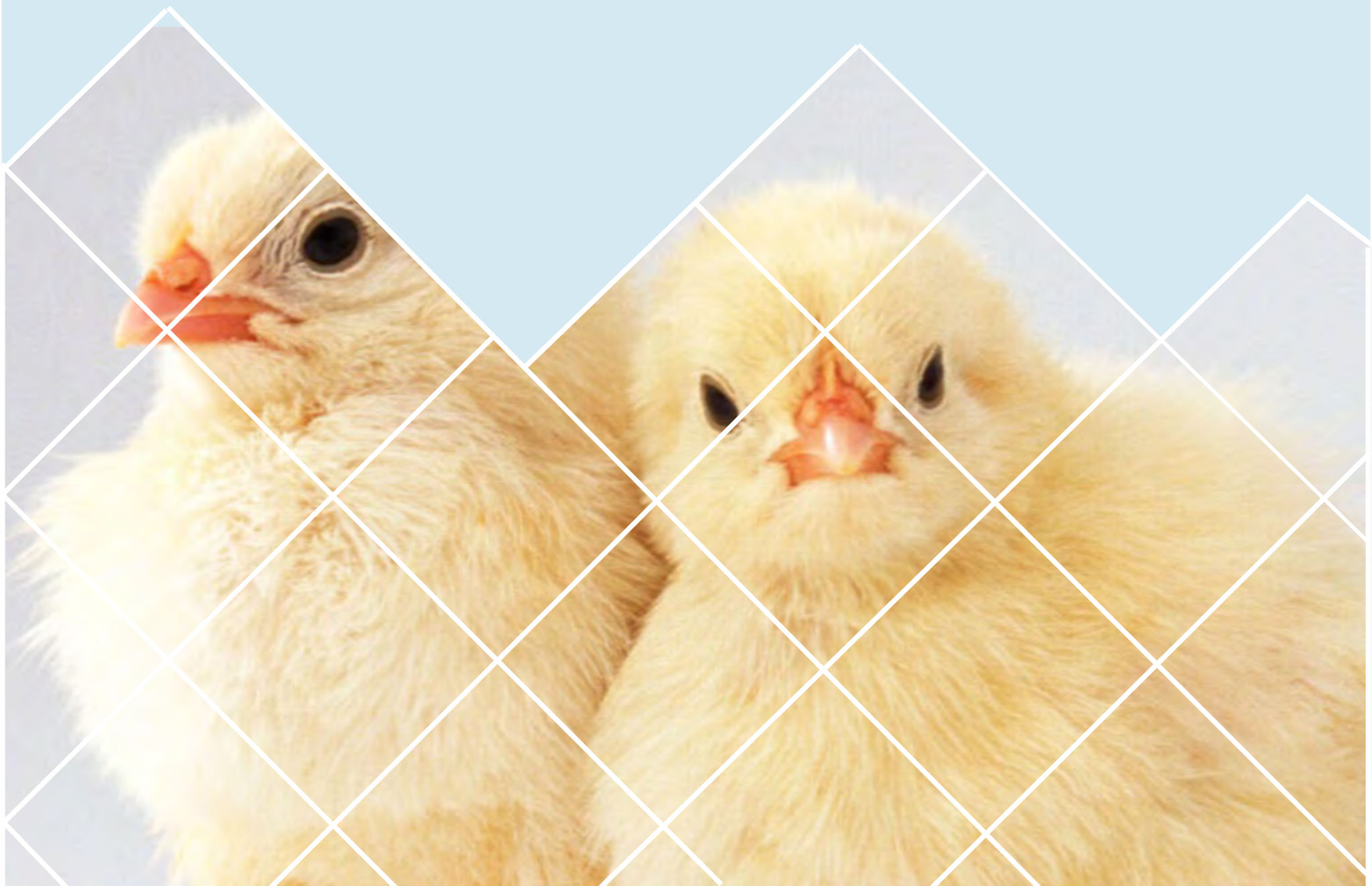
ficarem abismados com o desabastecimento que o movimento grevista gerou, a força que a categoria dos transportadores ganhou e os prejuízos que começaram a chegar no bolso de todos nós.

A conta mais alta – ficou claro já no quarto dia da greve – seria para o setor produtivo; e os prejuízos maiores seriam para aqueles que dependem da vida animal para manter seus negócios. Frangos entraram em restrição alimentar rapidamente, poedeiras em plena produção entraram em muda forçada, suínos – um tanto mais resistentes – já começaram a correr risco de fome. Na postura comercial, todas as atenções se voltaram para as pintainhas de até 21 dias, emergência maior àquela altura.

O resultado foi um desabastecimento generalizado e o freio puxado em empresas de vários setores, inclusive nas granjas, frigoríficos e cooperativas.

Nos incubatórios de poedeiras...

*... os prejuízos foram
menores que o resto
do setor, nem por isso
menos dolorido.*



N

os incubatórios de frangos e de poedeiras, o desalento de saber que os embriões que fariam a riqueza de granjas pelo país afora acabariam em aterros orgânicos. Milhões de ovos incubados foram abortados, principalmente no setor da avicultura de corte, onde se soube que em um só dia um único incubatório teria descartado um milhão de pintainhos. Num dia. Quantos dias mais de prejuízos e mortes viriam?, desesperavam-se aqueles que atuam com afinco na avicultura altamente profissional do Brasil.

Nos incubatórios de poedeiras o prejuízo foi menor, nem por isso menos dolorido.

Tiago Lourenço, diretor geral da Hy-Line do Brasil conta que o Grupo EW perdeu nos 10 dias de paralisação cerca de 500 mil pintainhas e mais de um milhão de ovos incubáveis.

o **Grupo EW** investe no Brasil com as genéticas de poedeiras Hy-Line, Lohmann e H&N. "Como as unidades de produção do Grupo EW no país são independentes, cada uma se posicionou de maneira muito rápida e transparente com seus clientes e parceiros", destaca Tiago Lourenço, ouvido pela **A Hora do Ovo** em entrevista exclusiva. Ele garantiu que não houve qualquer prejuízo nas granjas de linhas puras e bisavós,



Foto: divulgação APA

TIAGO LOURENÇO
Não houve qualquer prejuízo nas granjas de linhas puras e bisavós, que têm uma estrutura diferenciada.



MARCO ALMEIDA
*A Hendrix não
perdeu reprodutoras
de nenhuma
categoria, graças ao
trabalho de todos*

que têm uma estrutura diferenciada, com maior capacidade de estoque de ração: “Nessas unidades tudo prosseguiu de maneira normal”. Quanto aos matrizeiros do grupo, ele diz: “Não houve falta de alimento para as matrizes, e sim uma redução estratégica na disponibilidade de ração às aves para garantir que os estoques disponíveis atendessem até o final da paralisação. Não houve mortalidade e a queda na produção de ovos incubáveis foi pequena”, informou, com alívio.

Marco de Almeida, diretor da **Hendrix Genetics** para o Brasil e América do Sul, disse em entrevista à **A Hora do Ovo** que as linhagens sob a responsabilidade do grupo no Brasil (Hisex, Dekalb, Isa Brown e Bovans) também não perderam reprodutoras. “Na Hendrix, graças ao trabalho heróico de nossas equipes, ao manejo alimentar alternativo e a esforços combinados com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) não perdemos reprodutoras de nenhuma categoria e temos conseguido preservar os empregos”, garante o executivo da multinacional holandesa. Ele aponta que “com a colaboração das equipes da Dekalb, Hisex e nosso distribuidor Mercoaves com os clientes os cancelamentos de alojamentos foram minimizados, mas a entrega de mais



MINORU MIYASAKA
*Como as cargas vivas
não foram paradas,
todas as entregas
programadas foram
feitas a tempo.*

de 2 milhões de pintainhas foram comprometidas”. Nada que atrapalhe os planos da Hendrix Genetics para o Brasil: “Mantemos a fé em nosso trabalho e os investimentos no Brasil continuam na estratégia do grupo. Esperamos que esse episódio possa estar superado e servindo de aprendizado crítico para nós, brasileiros”.

Alívio é a palavra que pode definir o sentimento da equipe da Novogen, empresa francesa que lançou suas aves no Brasil em 2010. **Minoru Miyasaka**, diretor da **Novogen** no país, destaca que todos os caminhões de entrega das pintainhas estavam na cidade-base do incubatório da empresa, Amparo (SP). “Como as cargas vivas não estavam sendo paradas nas estradas, todas as nossas entregas programadas puderam ser feitas a tempo. Para não dizer que tivemos prejuízo zero, houve uma carga de pintainhas de matrizes que nasceram em nossa unidade de avós em Santa Catarina, que teve que permanecer no incubatório por três dias para depois seguir viagem para a granja de matriz em Amparo, chegando lá no quarto dia de vida. As aves chegaram um pouco desidratadas, com uma pequena mortalidade acima do normal, mas nada que chegasse a comprometê-las”, garante ele, destacando que “a situação foi muito desafiadora, mas graças ao empenho de toda a equipe e de nossos fornecedores,



conseguimos com que nossas aves não passassem fome, o que é muito importante para nosso negócio". Sobre a entrega de cargas vivas, Tiago Lourenço, da Hy-Line do Brasil, confirma que os problemas foram menores: "Os caminhões de pintainhas comerciais foram autorizados a seguir suas entregas, porém não foram autorizados a retornar vazios, mesmo com a identificação de 'Carga Viva' nos veículos, o que impediu o carregamento de algumas entregas subsequentes". E conta que, num caso específico com entrega de matrizes, o caminhão da empresa não foi autorizado a prosseguir num bloqueio de Santa Adélia (SP). "Era um dos mais fortes do interior de São Paulo, porém permitiram o retorno da carga ao incubatório", conta. Como se tratava de uma carga de ovos férteis, medidas rápidas foram tomadas: "Organizamos vôos fretados de São José do Rio Preto para Guarulhos e outro para Campinas para prosseguir com as exportações de matrizes normalmente, o que foi um êxito, apesar do custo mais elevado". Lamentando os prejuízos para a cadeia produtiva, Marco de Almeida, da Hendrix, pontua que há o reconhecimento do direito de greve e que apoia o diálogo com as transportadoras, mas destaca que é inaceitável que os animais entrem em sofrimento devido às reivindicações da população: "A avicultura nacional foi obrigada a gerir animais passando fome e sendo sacrificados em massa, com riscos à saúde pública pela impossibilidade de aplicar os protocolos sanitários aos eutanasiados, destruição de ovos e carne, sem contar a crise de desabastecimento nos supermercados. E, a partir de agora, passaremos a conviver com tentativas de recuperação dos rebanhos. Os prejuízos continuarão por longo tempo", alerta o executivo.



Os prejuízos seguirão por um longo tempo...

Analistas indicam que a recuperação do setor avícola pode demorar de seis meses a dois anos.

O

s prejuízos provocados pela paralisação dos caminhoneiros continuarão por um longo tempo aponta também a Associação Brasileira de Proteína Animal, a ABPA, que desde as primeiras horas da crise não descansou. Seus diretores, executivos e profissionais de comunicação fizeram a diferença em meio à crise. O que soava, através das notas emergenciais à imprensa e aos produtores e das inúmeras entrevistas a canais de TV e grandes jornais, era o desespero também dos produtores – do menor deles no interior do Paraná, o maior produtor de frangos do Brasil - à grande indústria exportadora de proteína



No Paraná, maior produtor de frango do Brasil, 59 milhões de aves não foram abatidas.

Foto: Divulgação/Asgav - RS



O setor cooperativista do Paraná acumulou perdas de cerca de R\$ 1 bilhão nos 10 dias de paralisação dos caminhoneiros, segundo a Ocepar - Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. Os prejuízos seriam decorrentes da interrupção das atividades de 25 agroindústrias dos setores de laticínios, açúcar e álcool e fertilizantes. De acordo com a entidade, a cada dia de paralisação, nove plantas deixaram de abater 2,3 milhões de cabeças de aves.



Foto: Divulgação/Asgav - RS

animal, uma cadeia que movimenta bilhões de dólares por ano.

Numa fala em Brasília e que promete ficar para a história, **Ricardo Santin**, presidente em exercício da ABPA, apareceu para todo o Brasil durante o poderoso Jornal Nacional, da Rede Globo, na edição de 29 de maio, denunciando que a intransigência do movimento grevista estava levando fome e morte a milhões de frangos e poedeiras.

E mais: provocava o desperdício de uma quantidade incalculável de ovos, colocando em risco o rebanho de suínos. Isso aconteceu no oitavo e crítico dia de paralisação, quando a situação já era desesperadora para a cadeia de avicultura, suinocultura e também de leite, que perdeu toneladas do produto por falta de escoamento. No dia 30, após nove dias de paralisação, a ABPA soltou nova nota lamentando que prosseguiam as mortes de aves



Foto: Divulgação/ABPA

e denunciando a violência em que o movimento dos caminhoneiros já descambava: "Determinados grupos têm se tornado cada vez mais agressivos. Exemplo disto é a queima de dois caminhões de ração na BR 101, perto da entrada do município de Muritiba, na Bahia", logo o estado que foi o primeiro a divulgar a mortalidade de frangos em massa devido à fome. "A inconsequência dos atos nos piquetes terá impacto direto no

Em Santa Catarina, a paralisação forçou a suspensão das atividades de dezenas de indústrias frigoríficas, prejudicou as atividades pecuárias em mais de 20 mil propriedades rurais que atuam na avicultura, suinocultura e bovinocultura leiteira. No 5º dia de greve, a agroindústria catarinense estimou perdas de 200 milhões. Santa Catarina tem um plantel permanente de 5 milhões de suínos e 118 milhões de aves alojadas.

poder de compra do consumidor. Com menor oferta de produtos, mas com a mesma carga tributária, mesmo custo operacional e possível alta nos insumos para a produção industrial, ficará mais caro produzir. Estima-se que os custos para a recuperação da normalidade do processo deverão ser 30% acima do anteriormente praticado". Àquela altura, anunciou a ABPA, já chegava a 167 o número de frigoríficos que estavam sem abates e cerca de 135 mil toneladas de carne de aves e de suínos deixaram de ser embarcadas para o exterior desde o início da greve.

No auge da crise, no dia 29 de maio, a Associação Gaúcha de Avicultura, a ASGAV, entrou em alerta máximo. Divulgou um comunicado cujo título já anunciava que a situação era "crítica e desesperadora" no Rio Grande do Sul, um dos grandes produtores brasileiros de carne de frango. O comunicado, assinado em conjunto com o Sindicato da Indústria de Produtos Avícolas no Estado do RS (SIPARGS), apresentava dados sombrios: mortalidade de mais de 2 milhões de pintos de corte e de mais de 300 mil aves de corte e postura, o risco de desabastecimento do mercado de carne de frango e ovos e de fechamento de agroindústrias e propriedades rurais. As entidades gaúchas alertavam àquela altura que havia ameaças e perseguição no bloqueio aos caminhões de transporte de ração, e cargas perecíveis apodrecendo nas estradas. E já imaginando



***JOSÉ EDUARDO SANTOS**
Prejuízos vêm da mortandade
das aves, perda de
produtividade dos planteis,
compra, venda e exportação
congeladas ou canceladas.*

o tamanho do impacto ambiental que poderia haver no Rio Grande do Sul para a destinação dos animais mortos, caso a mortandade continuasse. "O setor avícola não pode mais suportar esses bloqueios, perseguições, ameaças, apedrejamento de veículos, sacrifício de animais e desemprego. O movimento está tomando outras proporções que irá prejudicar toda a população".

Ao buscarmos informações do rescaldo do prejuízo ao final do protesto, no dia 31 de maio, quando os caminhões voltaram a circular com ração – muitos deles ainda necessitando de escolta policial -, o sentimento de desespero ainda persistia, pois as perdas no estado foram devastadoras. Em entrevista

rápida à **A Hora do Ovo**, tudo o que o **José Eduardo dos Santos**, diretor executivo da **Asgav**,

adiantou é que o prejuízo a longo prazo poderia chegar à casa do bilhão, não apenas pela mortandade dos animais como também pela perda de produtividade dos plantéis que sofreram restrição alimentar e a operações de compra, venda e exportação congeladas ou canceladas. "Serão dois meses pelo menos para recompor a produção e as operações no segmento", nos contou um Eduardo dos Santos exausto pelo estresse de 10 dias de uma crise nunca vista no segmento.

No dia 8 de junho, ao voltar a falar com a **A Hora do Ovo**, Eduardo

NÉLIO HAND
*“Por 10 dias não se
vendeu nada, não se
pôde pagar nada, não
se comprou nada.”*



dos Santos já tinha o cálculo mais preciso das perdas imediatas: cerca de 400 milhões foram perdidos na avicultura, mas persistia o fantasma do tamanho que poderia assumir os prejuízos que ainda viriam com as perdas de produtividade e exportações prejudicadas.

Nélío Hand, outro executivo experimentado no setor por anos de trabalho à frente **da AVES e ASES**, no Espírito Santo, explica que o volume de prejuízos com a paralisação, a princípio, estão estimados em R\$50 milhões com a mortandade e a queda na produção de aves, mas podem ultrapassar R\$100 milhões quando for contabilizada, também, a falta de giro financeiro com a greve. “Por dez dias não se vendeu nada, não se pôde pagar nada, não se comprou nada. E agora ainda continua o prejuízo, com a perda de produtividade nos plantéis, além de queda no preço do produto. No caso do ovo, o produtor está tendo que vender até pela metade do preço no caso das cargas enviadas para outros estados. E isso vai acabar provocando dificuldade no fluxo de caixa da granjas.” Ele descarta a possibilidade de produtores falirem no estado devido aos enormes prejuízos, mas tem certeza de que os produtores terão muitas dificuldades para voltar ao normal. “Temos convivido com um custo de produção altíssimo desde o ano passado. O Espírito Santo tem o milho mais caro do Brasil e isso já deixa nossa competitividade enfraquecida,



JOSÉ ROBERTO BOTTURA
Como os ovos têm maior durabilidade que o frango, a perda no segmento será menor, mas o preço vai, sim, aumentar.

imagine agora com mais esse cenário deixado por essa grande confusão gerada pela greve". Ele fez questão de destacar que considera o movimento dos caminhoneiros legítimo, mas a forma como ele se desenrolou acabou sendo muito negativo para todos, principalmente pela falta de sensibilidade em bloquear os caminhões destinados à ração animal. "Nossa preocupação agora é regularizar o escoamento da produção o quanto antes, para que o produtor da agroindústria não seja ainda mais prejudicado, mas sabemos que as consequências serão complicadas", diz Nélío, apontando como exemplo a alta do preço do frete, pois para recompor estoques os produtores estão enviando caminhões vazios para o Centro Oeste para trazer ração. Isso encarece o custo em cerca de 40%, segundo ele. "Nossa perspectiva é termos até 90 dias para regularizar, sem contar as reposições de produção com a quebra de incubação e perda de aves em produção. São consequências geradas de imediato e ainda virão outras ao longo do tempo. E quem também vai pagar por isso é o consumidor, porque haverá diminuição de oferta de produtos e o preço deverá subir", estima.

É o que também assinalou **José Roberto Bottura**, diretor executivo **da APA**, a Associação Paulista de Avicultura: "A consequência será para todo mundo. Vai haver escassez de produto, sem dúvida, e isso vai ativar a lei da oferta e procura e aumentar o

preço do ovo e do frango. Como os ovos têm maior durabilidade que o frango, a perda no segmento de ovos será menor, mas o preço vai, sim, aumentar”, garante. Mas assinala que essa alta será num segundo momento, pois o que interessa agora para o produtor é liberar o estoque acumulado nas granjas. “Quanto ao frango, o preço já está aumentando”. Ouvido pela **A Hora do Ovo** logo que a paralisação começou a arrefecer, no dia 31, Bottura disse que ainda era cedo para estimar as perdas, mas já havia a certeza de que foram maiores para o segmento do corte, principalmente pela ocorrência de canibalismo devido à restrição alimentar. “Com fome, as aves dominantes bicam as aves mais fracas, provocando a morte e soubemos que isso ocorreu em algumas propriedades mais afetadas pela falta de ração. Mas também não aconteceu de forma acentuada. O prejuízo maior para o corte é para o crescimento do frango que teve menor quantidade de ração por alguns dias, comprometendo seu desenvolvimento”, aponta. “Houve notícias de muitos pintinhos sendo sacrificados em incubatórios, assim como descarte de ovos já em processo de incubação, o que é uma lástima para o setor”. Já para o setor da postura, Bottura acredita que os prejuízos foram menores em São Paulo, pois as granjas procuram manter grande aporte de milho. Mesmo assim, conforme os bloqueios de cargas foram se fortalecendo, começou a faltar principalmente farelo de soja e calcário, dois itens fundamentais para manter a qualidade da postura. “Teve muita gente que se desesperou por não ter previsão de finalização da greve e colocou aves em muda forçada. Não sabemos o quanto foi posto em muda, mas sabemos que foi bastante”, disse, garantindo ainda que não houve mortalidade por falta de comida nas granjas de postura paulistas: “Talvez tenha aumentado um pouco a mortalidade, mas nada significativo”.



CAROLINA CÔRREA BASTOS
Uma semana após a greve, a avicultura baiana ainda sente seus efeitos. A ração ainda não está balanceada, devido à escassez de farelo de soja.

A avicultura baiana tem sua maior força na produção de frangos e foi a primeira a divulgar na imprensa tristes imagens de aves mortas devido à fome provocada pela escassez de alimentos com a greve dos caminhoneiros. Na Bahia, a violência da greve foi além da intransigência de bloquear a passagem de caminhões de ração ou cargas de frangos já prontas para consumo. No dia 29 de maio, num dos bloqueios, os grevistas atearam fogo a dois caminhões com ração que estavam seguindo para socorrer granjas.

Carolina Plácido Corrêa Bastos, presidente da ABA, a Associação Baiana de Avicultura, falou com **A Hora do Ovo** por telefone uma semana depois do fim dos bloqueios das estradas e ainda não havia conseguido contabilizar o número finais do prejuízo, mas já estimava a morte de pelo menos 120 mil aves. "O prejuízo com o desenvolvimento dos frangos que resistiram saberemos em um mês, mas deverá ser grande, pois é uma ave de ciclo curto e não há tempo de recuperar peso", explica. Ela nos contou que houve registro de perda total de algumas cargas de frango resfriado que estavam paradas nas estradas, assim como uma carga viva de pintinhos que tinha como origem um incubatório do Paraná; como não foi permitida a passagem, o caminhão teve que retornar. E, lamentavelmente, a carga teve que ser descartada na origem. "Passada uma semana da greve, ainda estamos sentindo seus efeitos. A ração fornecida às aves ainda não está balanceada como se deve porque ainda faltam alguns ingredientes, com a escassez de farelo de soja", explica.



YASUHIKO YAMANAKA
Nenhuma ave morreu de fome em Bastos, mas houve a necessidade de muda forçada em lotes mais antigos.

Yasuhiro Yamanaka, secretário executivo do **Sindicato Rural de Bastos**, que fica na maior região produtora de ovos do país, no Oeste Paulista, garantiu que nenhuma ave morreu de fome no Bolsão de Bastos, mas admitiu que houve a necessidade de muda forçada de lotes mais antigos. E quando começou a diminuir muito o farelo de soja, alguns produtores se viram obrigados a privilegiar a ração das pintainhas, mas não faltou milho na ração oferecida às aves.

O maior produtor de frangos e ovos do Nordeste, Pernambuco sofreu momentos de grande apreensão com os bloqueios das estradas. **Edival Veras**, vice-presidente da **Avipe**, a Associação Avícola do Pernambuco, disse à **A Hora do Ovo** que houve mortalidade de aves, redução na produção de ovos e desenvolvimento dos frangos por falta de ração, mas ainda não dava para estimar o tamanho do prejuízo no estado que produz 10 milhões de ovos por dia e 14 milhões de frangos por mês. Para piorar a crise, os frigoríficos deixaram de abater aves por falta de escoamento da produção, e a incerteza no setor foi muito grande pelos 10 dias mais longos que a avicultura brasileira já viveu. Edival disse que a Avipe respeita o movimento dos caminhoneiros, mas



EDIVAL VERAS

As granjas pernambucanas tiveram prejuízos por falta de farelo de soja, de milho, de diesel e de escoamento da produção.

desde que ele não traga prejuízo à população. "Praticamente cem por cento das granjas pernambucanas tiveram prejuízos, algumas por falta de farelo de soja, outras por falta de milho, e todas sofreram com a falta de diesel e o não escoamento da produção", conta.

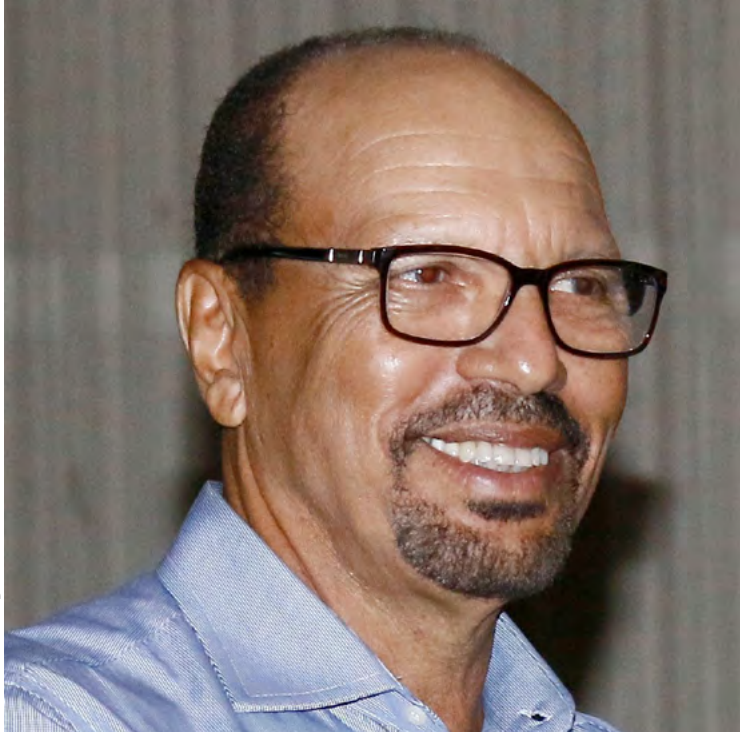
Na pequena e produtiva cidade de São Bento do Una, no agreste pernambucano, um outro problema desesperava os avicultores: o risco de faltar água nas granjas. Como as propriedades não têm fontes próprias de água, o fornecimento se dá por caminhões pipa. Sem diesel para abastecer as cisternas, o risco das aves morrerem de sede assustava ainda mais que a falta de alimento.

Eduardo Valença, jornalista de São Bento do Una que durante a crise atuou muito próximo aos setores produtivos, informou à **A Hora do Ovo** que, apesar da situação altamente tensa durante uma semana inteira, não chegou a ter mortes, mas foi necessário um racionamento de 70% a 90% da ração para as aves, variando de acordo com o estoque da granja. "O prejuízo em reais chega a mais de R\$ 1 milhão. Sem ter como fazer entregas, parte dos ovos e frangos foi doada. E teve ovos que mofaram e precisaram ser colocados em compostagem". Ao nos responder qual é a produção de ovos da valente São Bento, o jornalista colocou uma triste observação: "Antes dos bloqueios era de 7 milhões de ovos por dia".



CLÁUDIO ALMEIDA FARIA
*A quebra de uma fase da
cadeia produtiva estrangula
todo o processo. E a avicultura
depende 100% do transporte,
em todas as etapas.*

No Centro-Oeste, mais prejuízos. E o segmento que mais sofreu foi do frango de corte. **Cláudio Almeida Faria**, presidente da **AGA**, a Associação Goiana de Avicultura, disse à **A Hora do Ovo** que houve uma queda de 60% nos negócios nos frigoríficos goianos: "As unidades ficaram paradas por vários dias, com seus negócios congelados. Vendas só foram possíveis para mercados próximos. No campo, os alojamentos foram interrompidos". Executivo do segmento do corte, Cláudio Faria também faz parte do conselho administrativo da Associação dos Avicultores de Minas Gerais, a Avimig. "Na avicultura de corte, Minas Gerais perdeu cerca de 5 milhões de aves, e Goiás, cerca de 4 milhões de aves, entre frangos que ficaram sem se alimentar e pintinhos que nasceram e não puderam ser alojados", lamenta. Ele explica que a avicultura foi o setor mais afetado porque tem um ciclo produtivo contínuo: "Se você quebra uma fase da cadeia produtiva, estrangula todo o processo. E a avicultura depende de transporte em todas as etapas da produção. Desde transportar a matéria-prima, fazer a transferência do produto nas fases intermediárias, escoar o produto final. São todas fases interdependentes e a greve provocou um grande gargalo". De acordo com ele, em Minas, são abatidos 1,8 milhão de frangos por dia numa situação normal. Como a greve, uma média de 11,5 milhões



JOÃO JORGE REIS
Por sua eficiência logística e capacidade de recompor estoques rapidamente, o Ceará vai se recuperar em curto espaço de tempo.

deixaram de ser negociados pelas empresas frigoríficas. Em Goiás, foram cerca de 9,5 milhões. Quanto à capacidade das empresas suportarem essa crise, ele diz que ainda não se sabe ao certo os efeitos do congelamento dos negócios nesse período, mas sabe que há associados clamando por caixa para tocar o negócio.

Na avicultura do Ceará, o cenário só não foi catastrófico porque as estradas foram desbloqueadas antes de terminar o estoque estratégico de milho e soja nas granjas de corte e postura. A informação é do produtor **João Jorge Reis**, presidente da **Aceav**, a Associação Cearense de Avicultura, que lamenta que, mesmo assim, "os avicultores sofreram com a retração da comercialização da produção, causada pelo entrave logístico, o que levou à redução de alojamento de mais de 150 mil pintinhos e 700 mil ovos que deixaram de ser incubados. Além disso, o setor de postura foi obrigado a antecipar o descarte de poedeiras o que terá reflexo na produção de ovos no médio e longo prazos". Com uma avicultura forte na Região Nordeste, o Ceará tem uma produção de frango de corte que chega a 1,7 milhão por semana, de acordo com dados da Aceav. E a produção de ovos comerciais é de 6 milhões de unidades ao dia. "Acreditamos que, por sua eficiência logística e capacidade de recompor estoques



REINALDO ISSAO KUROKAWA
O estoque de milho foi suficiente para atravessar os 10 dias de paralisação. Logística ajudou na busca por farelo de soja.

rapidamente, o setor irá se recuperar em um curto espaço de tempo dos efeitos nocivos da greve e que nenhuma empresa deve sofrer solução de continuidade”, enfatiza João Jorge.

No tradicional núcleo produtor de ovos de Terenos (MS), na região da capital Campo Grande, o estoque de milho foi suficiente para atravessar os 10 dias de paralisação dos caminhoneiros. Outros insumos – como farelo de soja – foram obtidos por rotas alternativas sem muita dificuldade porque há fornecedores próximos, já que o estado é um grande produtor de soja. Mas **Reinaldo Issao Kurokawa**, presidente **da CAMVA**, a Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre – importante entidade para os produtores locais, confessa que se a greve durasse mais dois dias a situação ficaria precária. É que começavam a faltar outros itens importantes no dia a dia da produção, como embalagens para os ovos, por exemplo. “Nos últimos dias da crise nós já não pudemos entregar os ovos embalados em estojos. Mas os compradores não se importavam, porque o que precisavam era abastecer o mercado”, explica Issao. Como Terenos é muito próximo da capital, Campo Grande foi o principal mercado comprador naqueles dias, já que não estavam conseguindo escoar a produção para o interior do Estado, onde a marca da Cooperativa é muito forte. Com a entrega mais restrita, o



LUIZ MÁRIO PEIXOTO
*No Amazonas, foi preciso
rationar o milho e antecipar
descartes, mas não houve
grandes perdas.*

preço do produto teve uma pressão para baixo, mas àquele momento importava mais escoar o produto que batalhar por preços mais altos. Praticamente não houve prejuízos na expressiva avicultura de Terenos, mas mesmo assim o stress com a greve foi muito alto. “Os produtores ficaram muito preocupados, com medo da greve prolongar-se por mais tempo, quando até mesmo aqui poderia ficar difícil conseguir milho para restabelecer os estoques de alimentos para as aves”.

Também na região Norte do Brasil os estragos não foram grandes. Ao menos no Estado do Amazonas. **A Hora do Ovo** ouviu o jovem empresário **Luiz Mário Peixoto**, vice-presidente da **Associação Amazonense de Avicultura**. Ele nos contou que vários avicultores estavam com estoque-reserva e conseguiram superar a crise sem maiores perdas. “Alguns tiveram que racionar um pouco o milho e optaram por antecipar descartes de aves, mas nada que fosse significativo”. E por lá a criação de frangos é tão incipiente – segundo o vice-presidente da AAMA – que nem há que se falar em prejuízo. Luiz Mário atua com o pai Francisco Peixoto na empresa da família que, além de granjas de produção de ovos, também tem incubatório de pintainhas de um dia. Também ali tudo foi bem equacionado, sem interrupção. “Os ovos de matrizes chegam a nosso incubatório por via aérea, então não houve problemas”, informou Luiz Mário.

O impacto na coturnicultura

O impacto da greve dos caminhoneiros também chegou aos incubatórios de pintainhas de codorna. **A Hora do Ovo** ouviu duas das principais empresas de genética para codornas de postura, as duas totalmente nacionais: Vicami (Assis – SP) e Granja Fujikura (Suzano – SP).

Osvaldo Esperança Rocha, o zootecnista fundador da Vicami, disse que pelo menos 150 mil codorninhas de uma dia morreram em seu incubatório devido à paralisação nas estradas. A maioria no próprio incubatório por falta de condições de escoar a produção. “Uma carga estava na estrada para entregar a um produtor do Paraná, mas foi impedida de passar e nosso caminhão foi obrigado a retornar com a carga, que teve que ser sacrificada”, lamenta. Ele disse que os prejuízos ainda vão continuar por um tempo, mesmo com as estradas liberadas. É que o fornecimento da ração animal ainda não está regularizada totalmente nas granjas e muitos clientes cancelaram compras de pintainhas de um dia.

William Fujikura, dono do incubatório mais antigo de codornas no Brasil, a **Granja Fujikura**, informou à nossa reportagem que foi obrigado a descartar cerca de 100 mil aves. Diante da impossibilidade de receber pintainhos por não ter ração para receber, muitos de seus clientes cancelaram os pedidos. A cargas de pintainhas de um dia da



OSVALDO ESPERANÇA ROCHA: fornecimento de ração ainda não foi normalizado e clientes cancelaram compras. WILLIAM FUJIKURA: muitos avicultores que também têm poedeiras não retornarão à coturnicultura tão cedo.

Fujikura que já estavam nas estradas puderam passar pelas barreiras dos grevistas, conta William, mas como os caminhões eram impedidos de retornar à sede para novos carregamentos, foram suspensas as entregas para os poucos clientes que tinham ração em reserva e podiam abrigar as aves. A greve prejudicou também um incubatório da Fujikura em Pernambuco. Um caminhão da empresa com 60 mil ovos férteis ficou preso num bloqueio na Bahia e perdeu toda a carga. E os prejuízos na coturnicultura ainda prosseguem, pois na hora do racionamento nas granjas que convivem com poedeiras e codornas a prioridade foi alimentar as poedeiras. Com a experiência que tem de mercado, Fujikura acredita que muitos não devem retomar – pelo menos tão cedo – o investimento na coturnicultura. “No inverno o consumo de ovos de codorna cai um pouco, o que também desanima o produtor a recuperar seus planteis”.



Força-tarefa e apoio de governos estaduais e forças de segurança foram fundamentais

Não foi uma catástrofe, mas poderia ter sido...

Foto: divulgação



Na Associação dos Avicultores de Minas Gerais, a Avimig, os 10 dias de greve foram de um corre-corre sem fim por ações que sensibilizassem os caminhoneiros. Tudo para liberar as cargas de insumos para a ração animal. Uma das ações foi a busca por liminares judiciais para liberar cargas nas estradas estaduais e federais, busca de ajuda da Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, a Polícia

*Militar e até o Corpo de Bombeiros. Quem conta é a Dra. Marília Martha Ferreira (v. foto), diretora executiva da Avimig. Ela lembra que o estresse foi semelhante ao de várias outras crises terríveis que testemunhou na avicultura brasileira, desde que se formou em medicina veterinária em 1954. “Dessa vez não chegou a ser uma catástrofe, mas foi muito difícil”, contou Dra. Marília à **A Hora do Ovo**. Dados concretos ainda não havia, disse ela, até porque os avicultores estavam todos ainda fazendo o rescaldo da crise e, como bons mineiros, mantinham a discrição como lei.*

Assim também foi em Bastos (SP), que em sua microrregião produz 20 milhões de ovos por dia, a maioria escoada para a capital paulista, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Nordeste. O colossal volume de ovos diários são o sucesso de Bastos, mas naquele momento foi também um problema quando os bloqueios das estradas ficaram mais fortes. Se nos silos havia ração suficiente para não deixar as

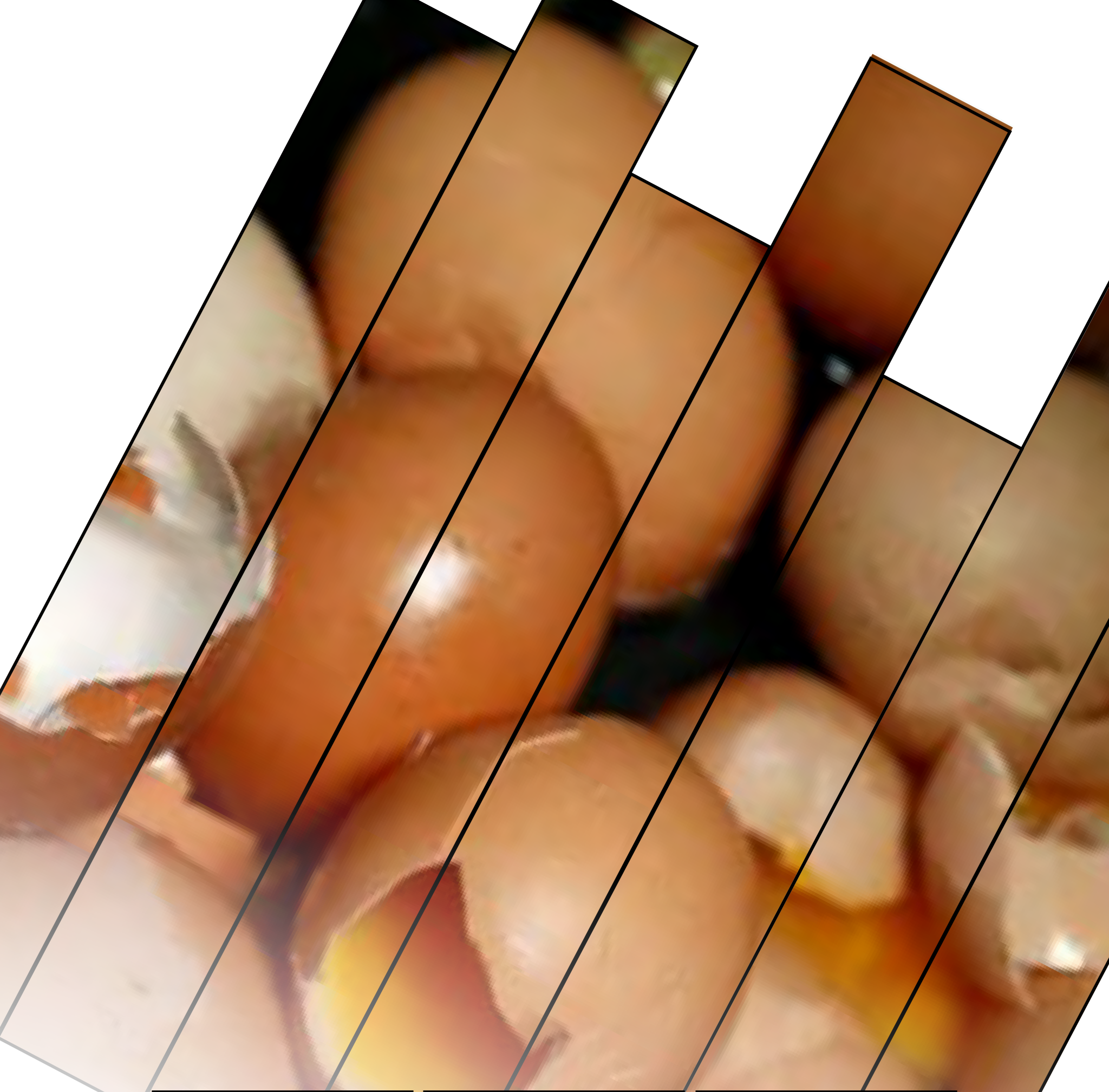


Foto: divulgação Apgav - RS



aves morrerem, nas salas de ovos não havia mais espaço para tanto produto. Ao ver que o fim de greve ficava cada vez mais distante, o Sindicato Rural de Bastos também buscou na Justiça uma solução. Os avicultores bastenses conseguiram uma liminar do juiz local para a liberação de cargas nas estradas mais utilizadas pela avicultura bastense e formaram um comboio de 32 carretas para buscar farelo de soja no Mato Grosso, o produto que estava em falta nas granjas. Yasuhiko Yamanaka, secretário executivo do Sindicato de Bastos, conta que os produtores realizaram reuniões frequentes e decidiram contratar uma empresa de segurança paulistana de alto nível para dar suporte ao comboio. Em todos os caminhões, um adesivo no parabrisas informava a ordem judicial para que eles fossem liberados pelos grevistas. Felizmente tudo correu bem, e os caminhões chegaram com a ração tão necessária, um ou dois dias antes da greve acabar.

Erico Pozzer, presidente da Associação Paulista de Avicultura, fez gestões no governo do Estado e em audiência com o governador Márcio França e o Secretário de Agricultura Arnaldo Jardim explicou a situação dramática das granjas paulistas, que perderiam suas aves em questão de dias ou horas, de acordo com a situação do estoque de ração de cada uma delas. “Depois dessa reunião, o governador abriu negociação com os caminhoneiros”, conta José Roberto Bottura, executivo da Associação Paulista de Avicultura. Ele destaca que a ação do staff da Secretaria da Agricultura e da Secretaria de Segurança Pública foi fundamental para gerir a crise. “No comitê de crise criado pelo governo paulista, destacaram-se as ações do capitão Elcio e o major Cavalcante, da Secretaria de Segurança que, assim que eram informados sobre os pontos de bloqueio, deslocavam viaturas para liberar esses



pontos”, conta Bottura. Ele lembra que, em determinado momento, a paralisação dos caminhoneiros passou a ser usada por “agitadores de esquerda que, de forma oportunista, usaram a bandeira do Brasil e se aproveitaram da situação”.

As associações de avicultura de Pernambuco e do Espírito Santo também têm elogios a fazer à atuação dos governos estaduais. Edival Veras, vice-presidente da Avipe, informou: “Criamos gabinete de crise e imediatamente começamos a dialogar com o Governo de Pernambuco, mantendo reuniões diárias durante os 10 dias da greve. E tivemos todo o apoio do governador Paulo Câmara e sua equipe, principalmente nas pessoas de Nilton Mota (secretário de Agricultura), Márcio Stefani (secretário de Planejamento) e Alexandre Valença (secretário do Trabalho), e enfrentamos cada um dos problemas com o apoio da Polícia Militar e do Exército”, destaca.

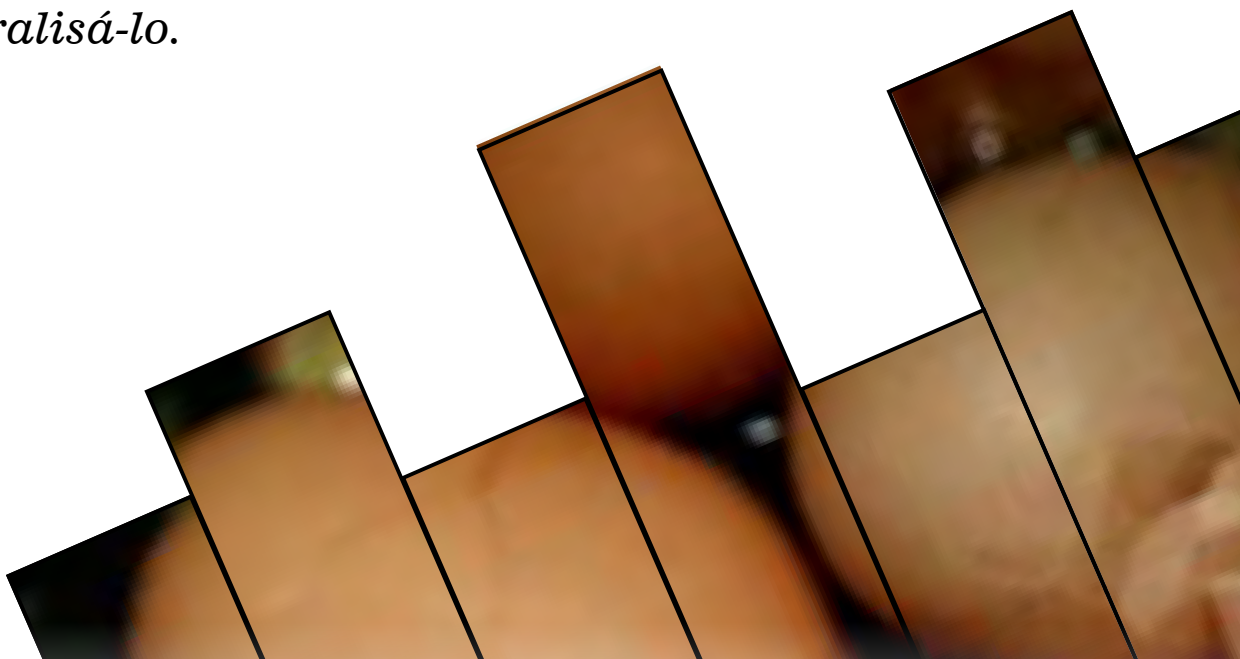
No Espírito Santo houve ativo apoio governamental para ajudar a minimizar os prejuízos da avicultura com os bloqueios das estradas. Nélcio Hand, executivo da Associação dos Avicultores do Espírito Santo, conta: “Aqui a ação do governo foi essencial. Logo que a situação começou a agravar fizemos contato. No sábado da greve (dia 26 de maio), tivemos uma reunião emergencial com o secretário de Agricultura porque já estávamos vendo que o abastecimento de soja e milho estava sob risco. Eu, pessoalmente, fiz contato com o governador Paulo Hartung na sexta, e fomos montando com o governo algumas estratégias, apresentando situações em que

ele poderia nos ajudar, como reverter um volume de farelo de soja que estava no Porto de Tubarão para exportar, e disponibilizar um volume de milho da Conab; houve uma atuação firme do governador e do secretário para fazer uma requisição administrativa pela Procuradoria do Estado, de 5 mil toneladas de soja, que era para exportação e que possibilitou um suprimento emergencial de 3 mil toneladas de farelo de soja. Esse foi um mecanismo administrativo que deu certo e que é previsto em legislação.”

Também conseguiram firmar um acordo com a empresa de logística VLI para poder carregar uma composição de trem com farelo de soja, como prevenção se o movimento fosse ainda mais prolongado.

Nélio diz ainda: “Outro fator importante é o governo - através do secretário de Segurança do Estado, Cel. Nylton Rodrigues -, ter encampado a questão de segurança nas estradas, identificando pelo menos uma liderança dos caminhoneiros no Espírito Santo com quem se podia conversar. Com o apoio do Estado também sobrevoamos as estradas para checar os pontos de bloqueio e, assim que eles eram identificados, buscávamos conversar para tentar convencê-los a não bloquear cargas vivas e de ração animal. Isso acabou não adiantando muito num primeiro momento, mas nossa insistência foi importante porque, de certa forma, ajudou a enfraquecer o movimento.”

A greve finalmente chegou ao fim, ao longo do dia 31 de maio. Mas os prejuízos, esses persistem e devem levar ao enfraquecimento do PIB deste país, tão carente de estrutura que uma só categoria profissional consegue paralisá-lo.



Leia mais sobre a greve que abalou a avicultura brasileira

PREÇO DO FRETE DESTROI ALIANÇA ENTRE CAMPO E CAMINHONEIROS

<https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/preco-do-frete-destroi-alianca-entre-campo-e-caminhoneiros-c3v6c3jllhnb8eojuh34tsus9>

QUANTO VAI CUSTAR A GREVE DOS CAMINHONEIROS À ECONOMIA BRASILEIRA

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/0/04/internas_economia,685943/quanto-vai-custar-a-greve-dos-caminhoneiros-a-economia-brasileira.shtml

PRODUÇÃO DE AVES EM PERNAMBUCO SÓ VOLTA AO NORMAL EM DOIS MESES, DIZ ASSOCIAÇÃO

<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/producao-de-aves-em-pernambuco-so-volta-ao-normal-em-dois-meses-diz-associacao.ghtml>

GRANJA LOCALIZADA EM SÃO BENTO DO UNA PERDE 80 MIL OVOS POR DIA

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2018/05/30/internas_economia,753729/granja-localizada-em-sao-bento-do-una-perde-80-mil-ovos-por-dia.shtml

PIB AGROPECUÁRIO PODE IR DE ESTABILIDADE À QUEDA DE 2% NO ANO

<http://folhaagricola.com.br/noticia/pib-agropecuaria-pode-ir-de-estabilidade-a-queda-de-2-no-ano>

GREVE DOS CAMINHONEIROS IMPACTA CRESCIMENTO ECONÔMICO, EMPREGO E INFLAÇÃO, DIZEM ANALISTAS

https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/03/greve-de-caminhoneiros-impacta-crescimento-economico-emprego-e-inflacao.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=uol

GREVE DOS CAMINHONEIROS PODE GERAR MORTE DE AVES

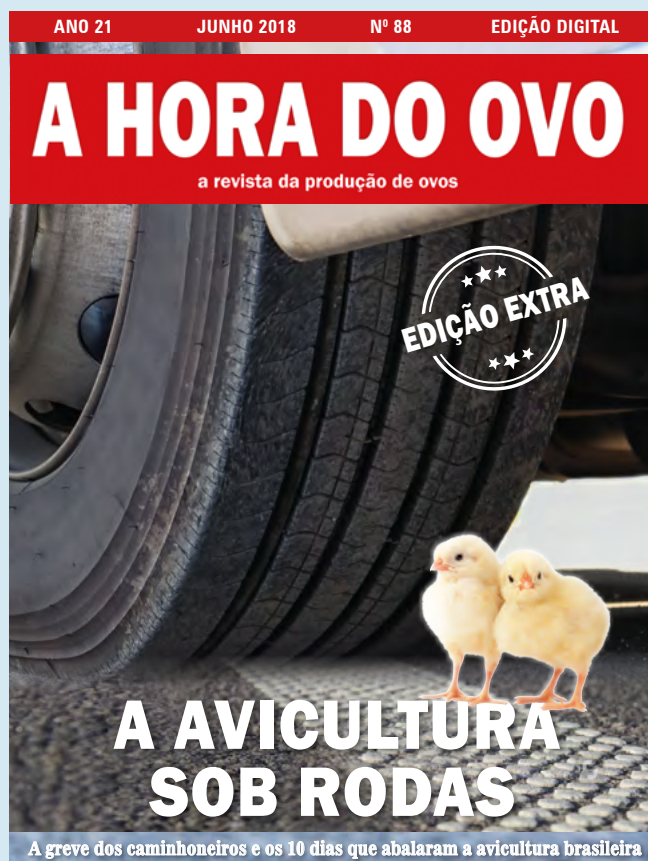
<http://g1.globo.com/am/amazonas/bom-dia-amazonia/videos/t/edicoes/v/greve-dos-caminhoneiros-pode-gerar-morte-de-aves/6776107/>

BRASIL PRECISA INVESTIR R\$ 600 BI PARA NÃO FICAR REFÉM DO TRANSPORTE RODOVIÁRIO

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/06/03/interna_politica,964041/brasil-investir-r-600-bi-nao-ficar-refem-transporte-rodoviario.shtml

A HORA DO OVO

a revista da produção de ovos



A revista **A Hora do Ovo Edição Digital** é uma publicação da Gato Editora dirigida ao setor de produção de ovos, com visualização gratuita.

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 53 - CEP 17690-970 -

Bastos SP - Fones (14) 3478-3284 e

(14) 99755-7294. E-mail: [elenita@](mailto:elenita@ahoradoovo.com.br)

ahoradoovo.com.br. **Textos e edição:**

Elenita Monteiro e Teresa Godoy.

(MT-PR 2193). **Produção visual:**

Teresa Godoy. **Capa:** Avicultura sob

rodas. **Imagem:** Shutterstock.

DEM COM A GENTE!



facebook.com/ahoradoovo

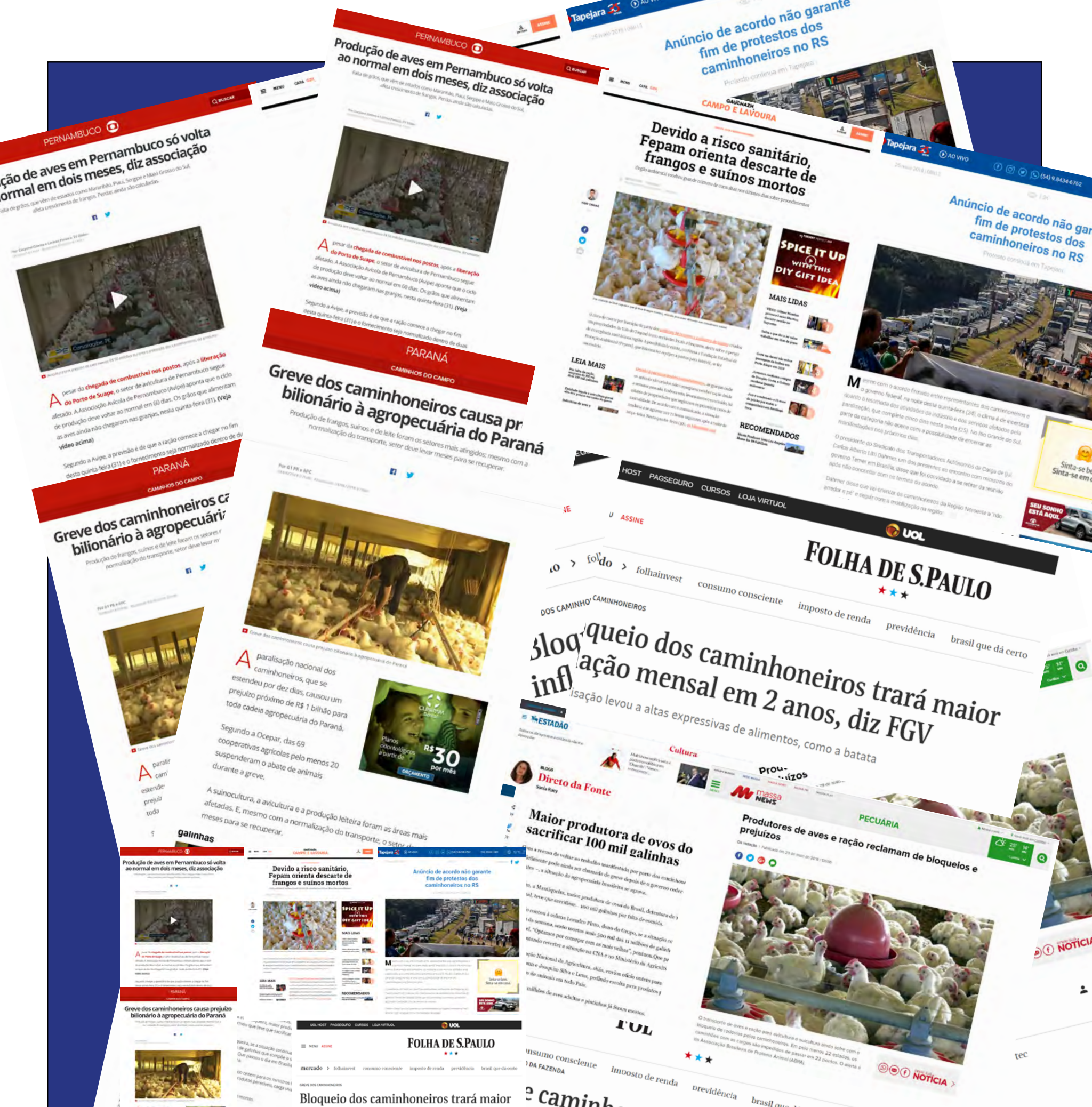


twitter.com/HoraOvo



www.instagram.com/horadoovo

www.ahoradoovo.com.br



MAIO DE 2018

0 mês que a avicultura brasileira não pode esquecer

